

IMPRESSÕES E REFLEXÕES DE EDUARDO GALVÃO, EM MANAUS - Notas de viagem, 1951

*Adélia Engrácia de Oliveira*¹

Organizadora

RESUMO - O antropólogo Eduardo Galvão, em 1951, acompanhado de sua esposa, subiu o rio Negro para dar continuidade a seus estudos de mudança cultural. Chegou a Manaus no dia 13 de setembro e aí permaneceu até o dia 2 de outubro aguardando transporte e fazendo preparativos para a viagem. Nesse meio tempo deixou, sob a forma de diário, notas, impressões e reflexões sobre a realidade que estava vivenciando. Como são dados cheios de humor, atualidade e veracidade, além de inéditos, resolvemos transcrevê-los nessa homenagem que se faz a Expedito Arnaud. Os dados de pesquisas (1951 e 1954) encontram-se arquivados no Museu Goeldi.

PALAVRAS-CHAVE: Notas de viagem, Manaus, Desenvolvimento e Mudança Cultural.

ABSTRACT - In 1951 the anthropologist Eduardo Galvão, accompanied by his wife, went up the Rio Negro to continue his studies of cultural change. He arrived in Manaus on September 13th and stayed there till the 2nd of October waiting for transportation and preparing for the trip. During this period he put down in his diary notes, impressions, and reflections about what was happening at the time. As this material is full of humor, truth, and current relevance, aside from being unpublished, we decided to transcribe it for this homage being paid to Expedito Arnaud. The data from the research (1951 and 1954) are archived in the Museu Goeldi.

KEY WORDS: Travel Notes, Manaus, Development and Cultural Change.

¹ SCT-PR/CNPq. Museu Paraense Emílio Goeldi. Pesquisadora Titular do SCT/CNPq/MPEG.

APRESENTAÇÃO

Galvão ou Muyrá (como foi carinhosamente chamado pelos índios do Xingu e por alguns amigos) era um carioca apaixonado pela Amazônia e que, nesta região, pesquisou problemas relativos a índios e caboclos.

Quando, em 1949, terminou seus créditos de pós-graduação em Antropologia, na Universidade de Columbia, onde estava concluindo uma dissertação sobre a religião de uma comunidade no baixo Amazonas, estudo esse centrado na problemática de mudança cultural², ele procurou outra área na qual pudesse continuar seus estudos sobre mudança.

A região do alto rio Negro, como a do alto Xingu (onde já estivera em 1947 e 1950), chamou sua atenção por ser uma área de intensas relações intertribais. Aí dedicou dois anos de sua vida, em trabalho de campo: um em 1951 e outro em 1954. O material coletado encontra-se arquivado na Biblioteca do Museu Goeldi.

Muitas vezes conversamos sobre o destino a dar às anotações diárias, feitas durante as pesquisas e ele sempre se mostrou desfavorável à publicação das mesmas porque elas contêm não só dados profissionais, baseados na observação ou obtidos através de entrevistas, mas também fatos pessoais e, muitas vezes, simples divagações. Para a publicação, elas necessitam ser trabalhadas, analisadas. Evidentemente, com o passar dos anos, elas servem para a comprovação de questões factuais e, por isso, necessitam ser preservadas.

Nos últimos anos de vida, já com a saúde debilitada, entregou-me seus cadernos relativos ao rio Negro, pois, na época, tinha interesse centrado na região. Com sua autorização, cheguei a publicar trechos de seu diário, relativos aos regatões. Cumprindo seu desejo, entreguei ao arquivo do Museu Goeldi, para acesso limitado a pesquisadores, os seus diários. Entre estes, havia algumas folhas esparsas, datilografadas, que continham informações e reflexões feitas durante a sua estada em Manaus instalado no Grande Hotel, de 13 de setembro a 2 de outubro de 1951, enquanto aguardava o barco que o levaria ao alto rio Negro. São dados que mostram como o tratamento dado à Amazônia, hoje, é o mesmo daquela época. Ao falar, por exemplo, nas preliminares para a implantação da SPVEA, que mais tarde deu origem à SUDAM, ele mostra como a

² Sua dissertação foi defendida nos EEUU, em 1952, e publicada no Brasil, na coleção Brasileira, com o título de *Santos e Visagens*.

decisão estava sendo tomada às pressas e apenas baseada em fatos políticos e não no conhecimento da realidade. Fala ainda, entre outros fatos, que a extração de “saque” (na classificação de Pimentel Gomes) que caracterizava (e caracteriza) a Amazônia devia ser transformada numa ação de conservação e aproveitamento. Que a iniciativa particular devia estar aliada a do Estado e que as soluções regionais deviam ser precedidas por estudos técnicos, assim como a colaboração entre técnicos e administradores seria imprescindível. Além disso aborda problemáticas que continuam recorrentes como a demarcação de terras indígenas, a desassistência ao que chama de “caboclo seringueiro”, o custo de vida e o abandono do patrimônio histórico. Avalia também situações urbanas e do cotidiano, além de mostrar seu juízo de valor sobre questões como os tipos físicos que encontrava e outros.

Os dados apresentados refletem o seu bom humor, aliás, um dos traços marcantes de sua personalidade e, sobretudo, dão uma amostra do valor que pode ter o diário de campo como um instrumento/fonte de pesquisa útil a quem envereda pelos campos da pesquisa científica na área de Antropologia.

Por serem fatos tão atualizados, mesclados ao dia-a-dia de quem ficou três semanas à espera de um transporte para poder alcançar o seu objetivo de pesquisa, pensei que transcrever estas notas de Galvão seria uma homenagem a Expedito Arnaud, pesquisador que ingressou no Museu Goeldi a convite de Eduardo Galvão. Expedito fez parte do que poderíamos chamar a primeira equipe que ajudou Galvão a organizar e desenvolver as atividades de antropologia no Museu Goeldi, após o convênio com o CNPq, o qual foi celebrado em 1954-1955.

to. Borracha, juta e outros produtos têm sido aproveitados inclusive para manter financeiramente a Inspetoria. Exceto por aqueles de algumas cabeceiras, os índios dessa jurisdição são pacíficos e em sua maioria bastante aculturados. Uma outra dificuldade para a administração é a falta de assistência médica permanente e o preço astronômico de remédios. Um comprimido de metoquina está sendo vendido na praça a dois cruzeiros. Quando possível, transporta os doentes para a Santa Casa daqui. Há pouco tempo teve um caso difícil. O índio, um capitão, faleceu no porto. A fim de evitar conseqüências, fez transportar o cadáver imediatamente para a aldeia, acondicionando-o em um caixão com camadas de gelo e serragem. A necessidade disto se prende ao fato, informa ele, desses índios incluírem na cerimônia fúnebre, o ato de antropofagia ritual, servindo-se de pequenos pedaços da carne do defunto.

À tarde estive novamente na Inspetoria, mas, como já previa, nenhuma novidade.

Terça, 18/9

Decretado ponto facultativo nas repartições municipais e federais pelo aniversário da Constituição de 46. Demos um passeio de bonde até Nazaré, bairro que se assemelha ao de Cachoeirinha, mas está situado mais próximo, e onde dominam bangalôs e prédios residenciais de alvenaria.

Quarta, 19/9

Entreguei a João, do SPI, a lista de compras. Arroz, feijão, sal, açúcar e demais artigos necessários ao nosso rancho. Os preços dos gêneros estão altos. Arroz a seis ou sete o quilo. Feijão a oito, café a quarenta. Quanto ao resto, farmácia e material de campo, estamos bem equipados, embora levando apenas o estritamente necessário.

Quinta, 20/9

Faz hoje uma semana que deixamos o Rio e segundo tudo indica teremos uma semana mais de estadia na maloca dos Barés. O acontecimento foi devidamente comemorado com uma forte chuvarada. Acordamos com duas goteiras sobre a cama e umas tantas equitativamente distribuídas pelo quarto. Arredamos a cama e aguardamos os acontecimentos. Nosso amigo Craveiro, o dono do hotel, após vasculhar o sotão afirma ter descoberto 28 goteiras. Pelo pouco que vi devia haver muito

to tempo para trás, os últimos que, impelidos pela necessidade de abrir novas estradas de borracha, avançam e estão dispostos a tudo. Têm que saldar os aviamentos e borracha significa comida e roupa. Ambos são sacrificados porque, de um lado, o governo, responsável pela assistência ao indígena, tem muito boas intenções, muito bons mas nada de concreto ou de positivo, a começar pela demarcação efetiva das reservas que, exceto por raríssimas exceções, continua a ser protelada. O seringueiro, que nada tem de seu, senão o braço barato de trabalho e a fome, essa mesma fome que traz gente do Ceará para essas bandas, é “aviado” pelo patrão e que se dane o resto, onde tem borracha ele vai buscar ou como é mais certo, o mandam buscar. Quem manda é mais provavelmente um arrendatário de seringal, por sua vez aviado por algum comerciante forte da praça de Manaus, que por seu lado depende em parte de créditos do Banco da Borracha e este da União. Qualquer coisa como aquelas célebres cadeias da felicidade, mas reverso para quem está na ponta mais fraca.

Deixamos para segunda-feira, pela necessidade de apurar informações sobre o movimento de barcos, arranjo do rancho, etc.

À tarde embarcamos num ônibus para o Parque, subúrbio ou bairro, não sabíamos onde. Parece que escolhemos a dedo, pois os dois cruzeiros da passagem renderam viagem muita. Afastando-nos do centro comercial e residencial temos uma segunda impressão de Manaus. Já do caminho do aeroporto atravessamos o bairro de Educandos e a primeira coisa a nos chamar a atenção foi o tipo de casa. A maioria de madeira, sobre estacas, pintadas em cores vivas, azul, vermelho, branco. A cobertura das mais modestas de sapé, as outras de telha portuguesa. Cortinas nas janelas, um ar de limpeza e de qualquer coisa vagamente lusa que de certo modo lembra o “Pequeno Portugal”, colônia de pesca que conhecíamos na Ponta do Cajú, no Rio. Repete-se aqui p’ras bandas do Parque esse estilo de habitações, um estilo que até onde vai minha experiência do Brasil Central, do Oeste e do próprio Norte e Nordeste é *sui-generis*, marcante, novo. As mais comuns são pequenas moradas, porém, encontram-se aqui e ali casas maiores, com dois andares. Em ambos os tipos é comum uma varanda lateral, que em alguns casos alcança toda a volta da casa. A maioria das construções se faz sobre estacas de cimento ou mesmo de madeira.

Somente até meio caminho a estrada é pavimentada. Segue-se, então, barro vermelho.

O Parque pudemos apenas entrever da janela do ônibus. Tem a feição de um clube de campo, com um campo de futebol e uma grande piscina que, apesar da hora da tarde, estava bastante freqüentada. O

ônibus encheu-se de uma garotada que voltava do Parque, ou melhor, da piscina. Pareciam pertencer à classe pobre da vizinhança. O mais notável passageiro nessa viagem de retorno foi uma menina com um vastíssimo painelão que praticamente bloqueou o corredor.

Domingo, 16/9

Demos uma longa volta pelos lados do mercado, passando pela estação dos bondes. Fotografamos o centro, a catedral e aspectos do mercado, caindo para as ruas residenciais e voltando novamente à margem do rio. Terminamos em frente ao Teatro Amazonas, o monumento mais distintivo da cidade. É de fato um prédio imponente e que de bojo parece superar o nosso Municipal. Largo edifício retangular com colunas e um vasto terraço que se adianta na fachada. O que melhor o caracteriza é a grande cúpula recoberta de azulejos amarelos com losangos azuis e verdes à semelhança da bandeira nacional. Não agrada muito à vista. Seu interior é extremamente luxuoso, embora seja flagrante a ausência de conservação. A peça mais interessante é o salão nobre, cujas paredes em toda a volta ostentam trabalhos em tela de autoria de D'Angelo, que na época da construção do teatro, 1896, era famoso. Representam cenas amazônicas, a floresta, a onça, o regatão, paisagens. O teto, igualmente telado, apresenta uma alegoria com as clássicas mulheres gordas envolvidas em véus esvoaçantes. As colunas que rodeiam o salão têm uma história. Foram originalmente talhadas em mármore de Carrara, mas a embarcação que as trazia afundou no porto e não foi possível recuperá-las jamais. Substituíram-nas por outras de ferro e massa. Apenas as bases e os capitéis são de mármore. O mobiliário, segundo informam, foi especialmente feito para o teatro, em cuja feitura trabalharam operários europeus especializados. A platéia é ampla, erguendo-se as frisas, camarotes de primeira, camarotes de segunda e um balcão. A cúpula sobre a platéia, também em tela, representa as clássicas alegorias da Comédia, Tragédia, etc. O pano de boca é uma confusão de folhagens e conchas que derramam água. Segundo um informante local, figuram a junção das águas do Solimões e Negro para formar o Amazonas. Belo teatro, símbolo da época fastigiosa do ouro negro, quando companhias francesas e italianas vinham diretamente da origem para a capital Baré. Sua decadência, abandono, reflete o que por aqui chamam de "drama" ou "tragédia" da Amazônia. Mas de certa maneira é também resultante de uma mudança, se compararmos o silêncio do velho Teatro com a algazarra da Maloca dos Barés, uma das rádio-difusoras da capital, onde os programas de auditório em que se apresentam sambistas e cantores

populares como Emilinha, Dalva, Chico Alves e outros, atraem considerável massa de espectadores cuja admissão obedece a preços populares. A mudança ou inovação é sintomática de uma mudança na composição das classes sociais. A ópera é símbolo daquela sociedade de seringueiros, comerciantes e aventureiros enriquecidos, que muitas vezes, a despeito de sua origem humilde, buscaram os requintes da civilização européia de então. Como se diz por aqui, Paris era mais familiar ao Amazonense que o Rio de Janeiro. Mas, com a debacle da borracha, essa gente teve que reformar ou adquirir novos hábitos, incapaz, financeiramente, de manter o velho estadão. Ao mesmo tempo a vida urbana, em desenvolvimento crescente, deu margem à formação de uma classe média. E, ao gosto e cultura dessa classe, sabe melhor um programa animado de rádio que a seriedade um tanto desmoralizada das velhas óperas.

À tarde reservamos especialmente para um passeio no Dirigível Moleiro. Esta é uma instituição que Manaus e Belém compartilham. É nada mais nada menos que um ônibus em formato de Zepelim, inclusive um grande leme na traseira. A idéia seria original se o trajeto percorrido fosse qualquer coisa em torno do centro, mas o fato é que faz a linha regular de Cachoeirinha, um dos bairros. Torna-se, por isso mesmo, pouco confortável pelo teto arqueado e as molas frouxas que não apóiam suficientemente a carroceria demasiado comprida. Em todo o caso viaja-se num dirigível, coisa rara nos dias de hoje.

Cachoeirinha, o bairro que visitamos, fica num alto. É bastante agradável e mais fresco que o centro. As residências são mais apuradas. Embora a maioria seja de madeira, as casas são mais amplas e possuem jardins. Nos quarteirões mais pobres existem algumas casas de taipa, cobertas de sapé, mas são poucas e possivelmente devem sua existência às condições menos úmidas do local. Aí estão localizadas duas ou três igrejas protestantes.

Segunda, 17/9

Pela manhã estive no SPI para tratar da viagem. Nada feito. A lancha desse serviço sairá hoje à noite para uma diligência, voltando somente dentro de oito dias. Teremos mesmo que depender da navegação comercial. Mais provavelmente embarcaremos na lancha Itala de J. G. Araújo, a sair "brevemente". O tráfego de embarcações se faz no princípio e no fim do mês, coincidindo talvez com as quinzenas dos barracões. Na conversa que mantivemos, o inspetor Alípio ressaltou as dificuldades com que luta o serviço, sobretudo pela escassez das verbas e a demora de sua consignação. Tem procurado desenvolver em alguns postos o fabrico do guaraná, o de Maués é o considerado melhor e aí existe um pos-

to. Borracha, juta e outros produtos têm sido aproveitados inclusive para manter financeiramente a Inspetoria. Exceto por aqueles de algumas cabeceiras, os índios dessa jurisdição são pacíficos e em sua maioria bastante aculturados. Uma outra dificuldade para a administração é a falta de assistência médica permanente e o preço astronômico de remédios. Um comprimido de metoquina está sendo vendido na praça a dois cruzeiros. Quando possível, transporta os doentes para a Santa Casa daqui. Há pouco tempo teve um caso difícil. O índio, um capitão, faleceu no porto. A fim de evitar conseqüências, fez transportar o cadáver imediatamente para a aldeia, acondicionando-o em um caixão com camadas de gelo e serragem. A necessidade disto se prende ao fato, informa ele, desses índios incluírem na cerimônia fúnebre, o ato de antropofagia ritual, servindo-se de pequenos pedaços da carne do defunto.

À tarde estive novamente na Inspetoria, mas, como já previa, nenhuma novidade.

Terça, 18/9

Decretado ponto facultativo nas repartições municipais e federais pelo aniversário da Constituição de 46. Demos um passeio de bonde até Nazaré, bairro que se assemelha ao de Cachoeirinha, mas está situado mais próximo, e onde dominam bangalôs e prédios residenciais de alvenaria.

Quarta, 19/9

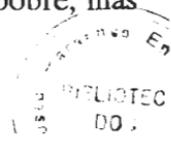
Entreguei a João, do SPI, a lista de compras. Arroz, feijão, sal, açúcar e demais artigos necessários ao nosso rancho. Os preços dos gêneros estão altos. Arroz a seis ou sete o quilo. Feijão a oito, café a quarenta. Quanto ao resto, farmácia e material de campo, estamos bem equipados, embora levando apenas o estritamente necessário.

Quinta, 20/9

Faz hoje uma semana que deixamos o Rio e segundo tudo indica teremos uma semana mais de estadia na maloca dos Barés. O acontecimento foi devidamente comemorado com uma forte chuarada. Acor damos com duas goteiras sobre a cama e umas tantas equitativamente distribuídas pelo quarto. Arredamos a cama e aguardamos os acontecimentos. Nosso amigo Craveiro, o dono do hotel, após vasculhar o sotão afirma ter descoberto 28 goteiras. Pelo pouco que vi devia haver muito

mais do que isso, ou nosso quarto foi sorteado. Diz ele que o defeito provém da passagem dos bondes que fazem estremecer o solo e escorregar as telhas. A explicação vai como foi dada. Pessoalmente tenho uma outra, o casarão está podre por falta de conservação. O dia que desabar, o homenzinho vai dizer que foi uma tragédia e culpar os bondes. No fundo é ambição de dinheiro fácil e falta de tino comercial, ou este hotel concorreria vantajosamente com o Amazonas. Ainda ontem, enquanto bebericávamos um aperitivo, o homenzinho que já foi candidato a qualquer coisa na Câmara veio solícito nos avisar que era melhor “avançar” para o jantar ou acabaríamos comendo ovos com arroz. Reza sempre a mesma cantilena: comida só se obtém nessas a muque. Argumentei que ele devia ter uma idéia do número de hóspedes, etc. e fazer a comida de acordo. Já se tornou habitual no menu, o garçom riscar gradualmente todos os pratos. Nosso homem argumenta que o que me falta é prática de hoteleiro, pois, cada pessoa gosta de um prato diferente e, por isso, não há necessidade de fazer todos os pratos na mesma quantidade. O Diabo é que todo mundo aparentemente tem o mesmo gosto que nós e pede exatamente os mesmos pratos e a mesma sobremesa. Em todo o caso tomei nota da sugestão: um curso de hoteleiro no SAPS. Quem nos salva é Manuel, o garçom, que devidamente oleado, reserva sempre alguma coisa boa e em maior quantidade.

Foi um dia cacete, chuva ou ameaça de chuva, presos no hotel. Até os jornais esqueceram as notícias locais para dar espaço à situação do Maranhão e ao desastre de Minas. Até agora sei da existência de três vespertinos, todos eles com mais notícias providas do Rio que da “planície verde”. Como deviam ser diferentes aqueles tempos em que o Rio era uma província desconhecida, lá do sul, e a vida gravitava em torno do eixo Manaus-Belém-Europa! Um dos fatos, por exemplo, que teve hoje destaque, foi a notícia de um mineiro que pediu *habeas-corpus* e prometeu ao juiz, em caso de deferimento, uma leitoa gorda. Notícias locais referem-se quase todas à política. Haverá eleições municipais em dezembro. Esse desequilíbrio de comunicação de fatos, reflete necessariamente sobre o povo, e esta imprensa, órgão das aspirações etc. etc. como poderá reivindicar a solução de problemas do povo se não comunica à massa esses problemas, ignorando-os por outros, que embora importantes, não dizem de perto ou imediato à gente do lugar? Possível desvio das chamadas elites, acreditam talvez que possam eles mesmos resolver tudo. E ao fim de tudo são dramáticos! Os artigos de fundo, os editoriais que tratam da Amazônia, falam a mesma linguagem-tragédia da Amazônia, drama da Amazônia, Amazônia abandonada. A cartilha é também a mesma - os poderes públicos, federais, relegam a pobre, mas



luxuriante terra, o celeiro do mundo, ao mais ignominioso dos abandonos, quando a região, por suas potencialidades, deveria ser a menina dos olhos do Brasil. Bonita cantada mas, apenas vício, vício besta de políticos, intelectuais, ou eunucos do provincialismo estúpido de uma pequena minoria que, agarrada com unhas e dentes às subvenções municipais, estaduais ou federais, tem vistas apenas para uma solução: estender as mãos ao Papai Grande e dele receber esmolas generosas. E, por que não se analisa e estuda os erros do passado? Por que não se procura a solução regional de problemas regionais? Vamos trabalhar minha gente, deixar de lamúrias, viver o presente. Quem, por exemplo, se levanta contra a exploração desenfreada que sofre o caboclo seringueiro, o castanheiro, o balateiro, o camareiro aqui do hotel que ganha apenas duzentos cruzeiros e toma conta de todo o andar? Desse jeito, só mesmo sendo funcionário público.

Sexta, 21/9

Estive no SPI. Nada a fazer senão esperar pela saída da Itala e averiguar a de uma outra, Caiçara, hoje anunciada para sair brevemente. Nada de novo na cidade.

Pelas informações de João do SPI, os batuques se concentram em dois bairros, um deles é o de Cachoeirinha.

Observando o movimento de nossa rua, av. 7 de setembro, da Estação e do mercado, é muito pequeno o número de negros e mesmo de mulatos. Maior é de cafusos e mestiços índios-brancos. Nos cafusos, o traço negróide marcante é o cabelo apertado. Na face predominam caracteres mongolóides; a cor da pele é clara.

Um vespertino, novo para mim, a Tarde, reclama contra a política do Libertador como é chamado o atual governador. Destaca a carestia da vida “A carne verde à razão de 20 cruzeiros o quilo! Um tomate, custando dez centavos! Um limão ao preço de 50 centavos! Uma banda de tambaqui, valendo 70 cruzeiros!”

Sábado, 22/9

Segundo um artigo publicado em “O Jornal”, assinado por Pimentel Gomes, o IBGE calcula a área brasileira da Amazônia em 4.834.000 km². A população é orçada em 2.200.000 pessoas: Belém - 260.000; Manaus - 142.000. Aumento de população entre 1940 e 1950: Amapá - 78%; Guaporé - 76%; Acre - 45%; Rio Branco - 45%; Amazonas - 27%; Pará - 23%. O ponto de vista do artigo é nessa base do aumento de

população muito superior nos territórios. Prova-se a eficiência da divisão territorial e a necessidade de criar novos territórios. Salientam-se as vantagens da administração federal sobre a estadual. “Seriam criados os territórios de Óbidos, Trombetas, Rio Negro, Tabatinga, Cáceres, Purus, Jurema, Tapajoz, Xingu, Araguaia e Roncador. Nenhum deles teria mais de 150.000 quilômetros quadrados nem menos de 100.000.”

Com relação ao Rio Negro, esse mesmo fato foi salientado pelo agente de estatística. Diz ele ter decrescido consideravelmente, de 1940 para cá, a população do município de Barcelos, onde está situada Tomar. Esse município é fronteiro com o Território do Rio Branco, e a população tem migrado para o novo território.

Nessa base ainda não se pode atribuir valor absoluto aos números que atestam o crescimento de população nos territórios. Resulta exclusivamente da imigração, para essas novas divisões, de população que habitava as regiões vizinhas, possivelmente devido a oportunidades novas de emprego. A maior facilidade de comunicação que possuem esses territórios recém-criados também facilita a fixação de novos habitantes. Somente o próximo censo revelará as condições de crescimento.

Aproveitamos a manhã que estava ensolarada para bater algumas fotos das habitações que ocupam as margens de três igarapés que cortam a av. 7 de setembro. De passagem observamos o Pedro II Amazonense, Escola Técnica, Palácio do Rio Negro, sede do governo, Patronato St^a Tereza e a Penitenciária do Estado.

Além do Pedro II e do Patronato que também admitem alunas, existem mais dois colégios de nomeada, o Instituto de Educação e o D. Bosco, este último dirigido por salesianos.

As casas construídas à margem dos igarapés obedecem ao tipo comum: construção de madeira, pintadas, construídas sobre estacaria. Algumas estão situadas praticamente no leito do igarapé, servindo-lhes de apoio grossos troncos de madeira empilhados horizontalmente, ao invés de estacas. Recurso que já havíamos observado em algumas regiões do Baixo Amazonas, onde o terreno mole e encharcado não se presta à fixação de estacas. Os igarapés estão quase secos. Nas margens lamacentas, os moradores abrem cacimbas para retirar água limpa. Lavadeiras ocupavam algumas dessas cacimbas. Essa água não deve prestar para beber. Notamos em algumas casas um prolongamento que deve servir de banheiro e sentina.

À tarde embarcamos num bonde circular. Um cruzeiro por três seções. O itinerário se faz por Cachoeirinha, que já nos era familiar de outro passeio. Continua para além do ponto final dos ônibus, passando pelo cemitério S. João e daí retornando ao centro. A maioria das casas

de Cachoeirinha é servida de eletricidade, mas, aparentemente, não possuem água encanada, pois observamos grande número de meninos conduzindo água em latas. Confirmando nossa impressão inicial, havia um pequeno número de casas de taipa ou barreadas em relação àquelas de madeira.

João trouxe uma notícia desagradável: a lancha Itala talvez somente venha a sair nos primeiros dias do próximo mês, o que significa uma demora fora do programa.

Domingo, 23/9

Estivemos no cais onde assistimos à chegada do navio Eduardo Ribeiro procedente de Belém. O cais é uma das novidades de Manaus. Devido à subida e baixada das águas, construíram-no sobre flutuantes, o que representa um notável trabalho de engenharia dada a extensão. A linha d'água apresenta um desnível de cerca de seis metros sob o ponto máximo de cheia. Segundo os jornais, o rio tem baixado em média 20 cm por dia.

À noite fomos à Maloca dos Barés, da rádio de mesmo nome. Exibiu-se um espetáculo de variedades. A maloca é um grande cercado, onde a um canto está armado um palco. A platéia fica ao ar livre, distinguindo-se as cadeiras numeradas e as gerais. Nestas últimas os assistentes ficam de pé em torno da cerca que separa as cadeiras. Preço das cadeiras, seis cruzeiros. Bastante gente que se poderia identificar como de classe média ou de operários, além da habitual frequência de soldados. O show começou às oito e trinta. Apresentação do regional Baré, Ritmo Associado, e a seguir os cartazes: “a maior voz da Amazônia”, “o rouxinol da Amazônia”, “o garoto revelação”, alguns sketches e um número de sensação, “a dança das mulheres prateadas”, ballet inspirado em ritmos bárbaros de uma misteriosa seita proibida pela polícia do Rio devido aos sacrifícios humanos que exige. Apesar de tudo isso e das mulheres se apresentarem em maillots e exibirem o corpo pintado de tinta prateada, o número não agradou. Talvez porque fosse demasiado exótico. Entre as canções aplaudidas ou solicitadas pelo público, notamos Baião de Dois, D. Rosário, Cabide Mulambo, Vingança, C'est ci bon. Nos sketches predominava malícia crua.

Na cama, aproveitando a luz que melhora consideravelmente a partir de nove ou dez horas, peneiro os jornais do dia. O Jornal do Comércio, “órgão associado” tal como o vespertino Diário da Tarde e a emissora Baré, é o que possui melhor noticiário, mas, como o seu concorrente, O Jornal traz muito pouco sobre Manaus ou o Amazonas. Notícias

internacionais, muitos telegramas do Rio e o prato do dia, a revolução do Maranhão. De local, além de uns poucos tópicos, notícias sociais, anúncios de portos e navegação, apenas a notícia de um crime. O suplemento traz a colaboração de Austregésilo de Ataíde, Raquel de Queiroz, uma reportagem sobre o negro em Washington e uns dois ou três nomes locais. Comenta-se o recital de Erna Sack, noite em que o teatro Amazonas reviveu seus grandes dias etc.

Segunda-feira, 24/9

Acredito que após nossas andanças de sábado e domingo, temos agora uma impressão mais completa de Manaus. Isto é, sobre o centro urbano. Da vida nos subúrbios somente o aspecto superficial das moradias, das tendinhas e dos grupos sentados à frente das casas.

Manaus nada tem daquele ar empertigado de jerimum de ponta de rama de algumas cidades do norte. Embora fundada no século XVII, então Barra do Rio Negro, pequeno forte ao lado de uma aldeia missioneira, e somente no século seguinte tenha sido constituída em sede da província, a Manaus de hoje pouco guarda dessa origem remota. No seu aspecto geral nada tem de cidade colonial, no sentido que estamos acostumados a descrever quando nos referimos a Salvador ou a São Luís. Os edifícios assobradados e amplos são modernos. Apartamentos e bangalôs entremeiam-se com velhas casas, algumas ainda revestidas de azulejos. As praças, exceto pela da Catedral, rodeada de mangueiras, são arborizadas com ficus recortados em prateleira. O cais é flutuante, dispondo de guindastes aéreos, de cabo aéreo e planos inclinados. A alfândega, que em geral nessas cidades tresanda a passado, é aqui um prédio construído ou reformado recentemente. Estações de bondes e ônibus com marquises de concreto e cafezinho em pé. Espalhados pelas praças do centro existem muitos quiosques para a venda de bebidas e refrigerantes. Trazem em geral um nome indígena e são denominados de pavilhões. Avenidas largas e ruas retas, aqui e ali uma subida suave. Predomina o calçamento de paralelepípedos, que agora vai sendo gradualmente substituído por macadame ou cimento. As casas residenciais nada têm de extraordinário. Poucas possuem jardim, maioria de frente de rua, porém com um pátio interno avarandado. Nada de *casas grandes* ou residências senhoriais. Para além do Centro, no caminho do Parque, da Cachoeirinha, Fábrica, Educandos ou dos igarapés, dominam as construções de madeira. Casas simples, em geral cobertas de telha, uma varandinha, por minúscula que seja, cores vivas como o azul. Via de regra são construídas sobre estacas, de madeira ou de tijolos. Muito poucas

casas de taipa. É esse tipo de habitação que empresta uma fisionomia singular a Manaus, do mesmo modo que os mocambos de Recife ou as favelas do Rio. Abrigam, porém, uma classe mais favorecida. As moradias mais pobres ficam escondidas nos socavões dos igarapés e acreditamos que a classe mais pobre habite subúrbios distantes como o Paredão ou o Careiro, para os quais a condução mais fácil é por água. Todo o município conta com uma população orçada em 160.000. Na capital devem habitar uns 70.000.

O parque industrial é pequeno, limitando-se a pequenas fábricas. As mais importantes parecem ser aquelas de refrigerantes, sendo o principal o Guaraná servido em garrafas do tamanho cerveja e grande consumo nos bares, pavilhões e “quitandas” ou tendinhas. O parati Graúna, fabricado no Rio de Janeiro, é o mais apreciado. Meu merceeiro afirma que os fabricados aqui “são todos brabos, o melhorzinho é mesmo este que vem de fora”.

O comércio é bastante desenvolvido. A principal organização é a de J. G. Araújo, importador e exportador, que mantém um “Armazém” completo com secções de maquinaria, modas, drogaria e uma infinidade de outros artigos. Tem embarcações próprias para a navegação fluvial e importa diretamente da Europa e dos Estados Unidos. Outros existem, menos poderosos, mas igualmente importantes. Tem de tudo para o aviamento de seus fregueses seringalistas ou abastecimento dos seringais, castanhais ou mais que seja sob seu controle imediato. Dominam artigos norte americanos, geladeiras, motores, rádios, fogões, geradores, tudo moderno, do último tipo. Da mesma maneira, autos particulares e de praça são de modelos recentes quando não de 51. E a cidade não possui iluminação, exceto na Av. Eduardo Ribeiro e umas poucas praças!

Hotéis, com o nome e aparência de hotel, existem apenas dois. O Amazonas, recém-construído. Edifício a la Niemeyer, com usina própria, ar-condicionado em alguns apartamentos, boite e a diária mínima de 400 cruzeiros. Próprio para turistas e viajantes mais abonados, mas nada recomendável para um naturalista do Museu Nacional cuja diária é mais do que anêmica e está sujeito ao imprevisível dos transportes sem data certa e que o deixam a vegetar dias e dias nessas cidades. O outro, o Grande Hotel, velho e mal conservado edifício, mas de quartos amplos e habitáveis, a comida regular, embora racionada, diária de 200 cruzeiros para casal, quarto e banheiro. Com uma administração mais eficiente seria o hotel, não fosse o lema que adivinhamos “quem estiver incomodado que se mude” justificando a falta de certo conforto elementar.

E falando em hotéis e comida a gente tem que dizer alguma coisa do abastecimento da cidade. Cozinha a lenha, carvão ou óleo. Grande

falta de carne verde. Ainda ontem os jornais clamavam que o kilo estava sendo vendido a 30 cruzas no câmbio negro. Ao mesmo tempo um artigo daqueles que dão raiva pela imbecilidade sugeria o fornecimento de carne por avião, visto o péssimo estado dos rebanhos regionais. Solução tipo Hollywood. Um outro telegrama da Swift anuncia a possibilidade de carne congelada a 12 cruzeiros o kilo condicionado ao arranjo de praça no Loide, que não existe. No Rio marchamos com 14 ou 16, conversa mole para peixe-boi dormir. Diz o dono do hotel que uma tartaruga já esteve em seu tempo a 5 pratas cada, hoje estão a 400 cruzeiros. Banda de tambaqui, um peixe comum, está a 70. E por aí afora. De legumes até agora só vimos vagem e uns tomates com beribéri.

Os meios de transporte, ônibus e bonde, não são de todo ruins. Existem bastantes ônibus, a que se permite uma lotação em pé, cujo limite apesar das portarias municipais, depende do chofer. Os bondes são mais raros, mas sempre servem e são igualmente concorridos. Táxi não falta. Para o exterior, o transporte fluvial se faz com relativa freqüência para o Solimões, Madeira, Belém, Rio Branco. Menos favorecido é o rio Negro, região mais pobre e sem honras de território federal. O tráfego de aviões é intenso. Existem linhas paralelas às de navegação, e um avião diário para Belém. O próprio rio Negro é servido por linha semanal. Isto além dos navios americanos Moore qualquer coisa e do Loide, respectivamente para N. York e sul do país.

O povo, de modo geral, traja-se esportivamente. Predominam as roupas de brim claro e os blusões. Poucos usam chapéu e, aparentemente, não se dá muita importância ao uso de gravata, exceto por aqueles que possivelmente se dedicam a funções públicas ou em ocasiões especiais como no recital de Erna Sack.

As jovens se trajam com elegância e demonstram preferências pelos vestidos decotados e sem mangas. Dominam as morenas, destacando-se especialmente aquelas de tipo caboclo, de tez bronzada, cabelos muito pretos e lisos e os olhos um pouco rasgados. Um outro tipo igualmente atraente é o que mistura traços negróides e ameríndios. Já o branco, com raras exceções, (não) agrada; rosto muito redondo, olhos algo esbugalhados, corpo baixo e roliço. Os homens, via de regra, são amorenados, cabeça grande e redonda, testa ampla e estatura baixa. Isso é naturalmente uma descrição demasiado sumária, e existe uma infinidade de variações entre esses tipos que marcamos, mas, de certo modo, apreende-se no transeunte um certo ar familiar que o distingue de outros tipos de outras regiões.

O que mais nos agrada é a aparente falta de preocupação com os forasteiros. Não sentimos ainda aquela curiosidade que faz o viajante

sentir-se pouco à vontade porque está consciente que suas atitudes, seu modo de vestir etc. estão sendo observados. Andamos como se fôssemos gente da terra e ninguém pergunta se somos americanos ou que diabo somos. Também, é grande o número de forasteiros que afluem à cidade ou que a habitam de há muito. Cearenses, nordestinos em geral, portugueses e uma infinidade de gente de outras origens para aqui migrou e continua a migrar, especialmente quando há um surto novo na extração da borracha. Talvez, por isso mesmo, a cidade apresente um ar de cosmopolita, onde poucos, à exceção das famílias tradicionais e de certa massa do povo, têm raízes fundas na terra baré.

Terça, 25/9

Estive no S.P.I., mas nada resolvido. Não foi possível localizar a tal lancha Caiçara e a Itala continua sem data marcada. O motor João, cuja chegada foi hoje anunciada, sairá, segundo as informações, só depois do dia dez.

Essas informações ficaram de ser confirmadas hoje. No caso de nada resolver até amanhã, decidimos seguir de avião até Barcelos, sede do Município onde está situado Thomar e, aí, aguardar pela bagagem e por um motor que nos conduza até nosso destino final. Não é a melhor solução, pois, a viagem aérea, prejudicará a perspectiva que deveríamos ter utilizando o transporte fluvial. Em motor ou lancha seríamos gradativamente introduzidos à região, conhecendo de perto todos os pequenos portos e cidades à margem do rio. De avião, em duas horas estaremos em Barcelos, sem mais aquela. Mas o que não podemos é ficar indefinidamente em Manaus. O estágio em Barcelos servirá, por outro lado, para nos familiarizar com a região.

Chegou ontem à cidade uma comitiva "alencarina", deputados e jornalistas do Ceará que vieram estudar as possibilidades de fixação de refugiados nordestinos na Amazônia. Às 16 horas estavam em Manaus. Recebidos pelo governador, entrevista aos jornais, visita à hospedaria para imigrantes da rua Duque de Caxias. Pela manhã de hoje seguiram para Boa Vista devendo voltar à tarde e amanhã seguir de volta ao Ceará. Esses detalhes têm uma razão de ser - em espaço de tempo tão curto, o que estudaram e observaram nossos amigos alencarinos? Mesmo como turistas foram demasiado apressados. E o refugiado nordestino e alguns ingênuos ainda talvez acreditem que dessa vez sim, os homens, os dirigentes, estudaram as condições regionais e a migração obedecerá a premissas mais racionais.

Quando é que nossos homens públicos deixarão de ser irresponsáveis a ponto de promoverem tais comissões de estudo? E dizer-se que se

está jogando com vidas humanas contribuindo para a repetição dos erros que vêm sendo cometidos há cinqüenta anos! No final, o nordestino continuará a ser jogado nos seringais onde lhe falta tudo, onde é escravizado e rebaixado de sua condição de criatura humana.

Os jornais também dão destaques às recentes demarches em torno da Comissão de Valorização da Amazônia e à próxima conferência dos governadores. As sugestões acentuam unanimemente a necessidade de um planejamento de longo prazo, trienal ou quinquenal, mas, parece-me, não dão a necessária atenção ao que consideraria base a qualquer planejamento, ou seja, a avaliação das condições atuais da Amazônia. É preciso deixar de lado toda e qualquer idéia preconcebida ou generalização do tipo que afirma a riqueza do solo e outras que tais. Embora reconhecendo o valor e a experiência de muitos dos administradores que participarão seja da Comissão, seja da Conferência, a falta de estudos preliminares, já orientados segundo um plano bem definido, resultará em dispersão de esforços e inefetividade de medidas a serem postas em prática. O próprio termo que designa a Comissão - "Valorização" tende a deslocar o centro do problema, que não me parece tanto de valorização como de estruturação e organização da economia do vale. A valorização será uma consequência, um efeito dessa estruturação, e não o objetivo imediato.

É preciso que se proceda a uma reforma de base nos métodos de produção e no sistema de distribuição dos produtos regionais. Nas circunstâncias atuais, entretanto, essa reforma terá que se limitar ao aproveitamento mais produtivo dos recursos de que o vale dispõe e tradicionalmente baseia sua economia. Incrementar a extração de produtos como a borracha, a castanha, as diversas gomas, a piaçava, etc., mas transformar essa extração de "saque", como a classificou Pimentel Gomes, em uma de conservação e aproveitamento. O mesmo com respeito à agricultura e à pecuária. O mesmo com referência ao beneficiamento desses produtos que em sua maioria são exportados em bruto, o que onera o transporte e reduz a margem de lucro, transferindo-o para interesses estranhos à região. A iniciativa particular deve estar aliada a do Estado. É certo que os cavaleiros andantes da "livre empresa" quebrarão lanças contra qualquer "ameaça" de competição do Estado, mas o que é mais certo, por uma necessidade elementar de sobrevivência, do que permitir o saque indiscriminado da produção nativa.

Outra tendência a corrigir-se é o oficialismo de qualquer iniciativa. A organização ou *valorização* da economia do vale, sem deixar de prescindir de apoio financeiro e técnico federal, é um problema essencialmente regional, e é na base de soluções regionais que grande parte das

dificuldades serão vencidas. No Rio de Janeiro se poderá resolver a concessão de créditos especiais, mas será no Amazonas que se decidirá a aplicação desses créditos. Essa atitude de olhos postos nos remédios salvadores com origem na capital federal, e que se diga de passagem, brilhantemente lançados com a demagogia do celebrado discurso do Rio Amazonas, somente serve a uma pequena minoria de pseudo-administradores que se valem dos bons salários em que são pródigas as comissões e subcomissões dessa origem.

Mas para que essas soluções regionais tenham alcance e sejam bem orientadas é necessário antes de mais nada um estudo realizado por técnicos e que englobem os diversos aspectos: o geográfico, o econômico, o político-administrativo, o social. As estatísticas do IBGE, da Associação Comercial, os cadastros municipais aí estão para servir de tomada de campo. A pesquisa direta, por técnicos credenciados, forneceria o enchiemento para o esqueleto estatístico.

A colaboração entre o técnico e o administrador é essencial, sobretudo para que o primeiro, por um vício de formação, não se deixe levar exclusivamente pelos aspectos puramente técnicos e se perca em planos fora da realidade ou possibilidade de realização efetiva. Ao mesmo tempo essas pesquisas teriam que ser coordenadas por um plano piloto, plano de emergência, ou de outro modo teríamos os “resultados finais” somente daqui há dez ou mais anos.

Um exemplo típico de malbaratamento de recursos técnicos e econômicos foi-nos citado ontem. Um “técnico”, marinheiro de primeira viagem, encantou-se com as condições do solo de um terreno de várzea. Convenceu seu proprietário a investir cerca de 100.000 cruzeiros em uma big plantação de arroz, utilizando os recursos da moderna maquinaria agrícola. Tudo muito bem. O arroz plantado em novembro ou dezembro cresceu com exuberância. Mas foi esquecido um pequeno detalhe, o nível da cheia do rio. Quando já os cachos estavam maduros, uma dessas enchentes maiores varreu todo o arrozal. Prejuízo completo. Outra conseqüência, reforça-se no habitante local a convicção de que os técnicos vindos do sul não servem ao Amazonas, “estão acostumados ao sul ou ao nordeste onde o regime de águas é diferente, aqui dão com os burros n’água”. O caso foi, aliás, contado com essa intenção, demonstrar a ineficiência dos técnicos, o que, aliás, é muito comum no habitante rural. O erro é de parte a parte, porque se na realidade muitos entendidos desprezam o conhecimento empírico, tradicional, do caboclo, querendo valer-se apenas de “suas verdades científicas”, também o habitante rural dificilmente quer se afastar dos seus métodos rotineiros.

Observação da organizadora destas notas

Além dos dados até aqui transcritos dia a dia, ele dá informações sobre passagens no dia 26/9 e depois só volta a escrever na quarta-feira, dia 3 de outubro, dizendo que nada de novo havia ocorrido até então, além dos habituais passeios e escreve notas sobre a saída atribulada nesse mesmo dia, a bordo do Madeirinha.

Recebido em 30.04.91

Aprovado em 30.04.91